

DIAGRAMA ESPACIAL DE VAGANOVA:

Recurso pedagógico para o desenvolvimento da consciência corporal de crianças bailarinas de 9 e 10 anos de idade¹

Clara Kethurin Castro Ferreira²
Mariana Duarte Motta³

RESUMO: O presente artigo propõe uma análise das contribuições do diagrama espacial de Vaganova como ferramenta pedagógica na dança clássica, investigando de que maneira sua aplicação prática na dança clássica pode impactar crianças de 9 a 10 anos de idade no que diz respeito à compreensão, execução e controle dos movimentos no espaço. O trabalho utilizou abordagem qualitativa, com revisão bibliográfica e entrevistas etnográficas com professores de balé clássico. Também foi aplicado um plano de aula experimental para observar os efeitos do diagrama espacial de Vaganova na percepção espacial de crianças de 9 a 10 anos. A pesquisa destaca a importância do diagrama espacial para o desenvolvimento da consciência corporal e espacial dos estudantes, experienciando sua eficácia no aprimoramento da técnica clássica e no aprimoramento da percepção dos deslocamentos espaciais. Ao final, o estudo propõe uma seleção de exercícios adaptados da dança clássica à faixa etária de 9 e 10 anos, baseados no diagrama espacial de Vaganova, visando promover o desenvolvimento da consciência corporal das crianças na dança clássica.

Palavras-chave: Diagrama espacial de Vaganova; Consciência corporal; Percepção espacial.

RESUMO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA: This article proposes an analysis of the contributions of Vaganova's spatial diagram as a pedagogical tool in classical dance, investigating how its practical application in classical dance can impact children aged 9 to 10 in terms of their understanding, execution, and control of movements in space. The study employed a qualitative approach, including a literature review and ethnographic interviews with classical ballet teachers. An experimental lesson plan was also implemented to observe the effects of Vaganova's spatial diagram on the spatial perception of children aged 9 to 10. The research highlights the importance of the spatial diagram for the development of students' bodily and spatial awareness, demonstrating its effectiveness in enhancing classical technique and improving the perception of spatial movements. Finally, the study proposes a selection of exercises adapted from classical dance for the 9 to 10 age group, based on Vaganova's spatial

¹ Data de aprovação 15/02/2025, aprovado pela banca composta pela Orientadora, Mariana Duarte Motta, pela Avaliadora 1, Suselaine Serejo Martinelli e pelo Avaliador 2, Fauzi Nelson Paranhos Lopes Mansur.

² Pós-graduanda em Metodologia de Ensino da Dança Clássica no Instituto Federal de Ciência, Tecnologia e Educação de Brasília — Campus Brasília. Licenciada em Dança pelo Instituto Federal de Brasília. E-mail: clarakethurin@gmail.com

³ Docente no Instituto Federal de Brasília — *Campus* Brasília. Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela MUST University/Flórida; Especialista em Gestão Cultural pelo Centro Universitário UNA/BH, Especializanda em Sistema Laban/Bartenieff de Análise de Movimento pela Faculdade Angel Vianna. E-mail: mariana.motta@ifb.edu.br

diagram, aiming to promote the development of children's bodily awareness in classical dance.

Keywords: Vaganova's spatial diagram; Body awareness; Spatial perception.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi motivada por observações realizadas no contexto pedagógico cotidiano, onde se identificou uma dificuldade recorrente entre crianças de 9 e 10 anos de idade quanto à compreensão concreta de sua posição e orientação no espaço durante a execução de movimentos da técnica da dança clássica. Essa descoberta despertou o interesse por investigar abordagens metodológicas que contribuíssem de forma significativa para o desenvolvimento da consciência corporal⁴ nesse público, cuja faixa etária é marcada por importantes transformações cognitivas, motoras e perceptivas.

O ponto de partida da investigação consistiu na análise dos desafios enfrentados pelas crianças para se orientarem espacialmente no ambiente da sala de aula de balé clássico. Reconhecendo-se a estreita relação entre a percepção espacial e o aprimoramento técnico e expressivo na dança, identificou-se no método Vaganova, mais especificamente em seu diagrama espacial, um recurso pedagógico tradicionalmente reconhecido, embora ainda pouco investigado no meio acadêmico. A pesquisa, nesse sentido, passou a examinar de que forma tal ferramenta poderia ser aplicada de modo a ampliar o entendimento espacial de estudantes em fase inicial de formação.

O desenvolvimento teórico e metodológico do estudo teve início com a contextualização histórica e conceitual do método Vaganova e da organização espacial no ensino da dança, estabelecendo relações com autores fundamentais como Stépanow, Laban, Piaget e Vigotsky. A pesquisa bibliográfica consistiu na análise de obras e referenciais teóricos relevantes para a fundamentação do estudo, permitindo a contextualização dos conceitos relacionados à percepção espacial, ao ensino da dança clássica e ao desenvolvimento infantil.

Na etapa empírica, adotou-se uma abordagem qualitativa de natureza etnográfica, que buscou compreender a prática pedagógica em seu contexto real, por meio da escuta ativa e da análise de experiências concretas vivenciadas por docentes atuantes na área. Para tanto, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com professores especializados no ensino da técnica clássica para a referida faixa etária. A análise dos dados possibilitou a categorização das informações em dois eixos principais: a consciência corporal e espacial, e os aspectos pedagógicos relacionados à aplicação do diagrama espacial em sala de aula.

⁴ Aqui entende-se o termo consciência corporal segundo Lobo e Navas (2007, p.153) “Na dança, a consciência corporal permite ao intérprete compreender os vetores do movimento, os apoios e as direções no espaço, promovendo expressividade e precisão técnica.”

Logo após, elaborou-se e aplicou-se um plano de aula experimental voltado à introdução do diagrama espacial de Vaganova, com enfoque em crianças iniciantes, com o intuito de observar seus efeitos no processo de construção da percepção espacial. Embora se trate de uma investigação de escopo inicial, os resultados obtidos permitem perceber caminhos metodológicos promissores para o ensino da dança clássica na infância, respeitando as particularidades do desenvolvimento infantil. Espera-se, assim, que os achados da pesquisa auxiliem práticas docentes mais sensíveis, estruturadas e embasadas teoricamente, contribuindo para a formação técnica e expressiva das crianças desde os primeiros contatos com a linguagem da dança.

2. DESENVOLVIMENTO

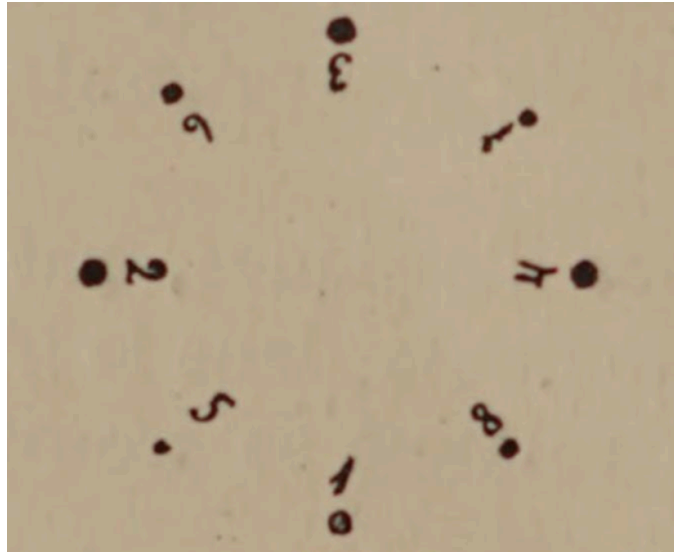
É importante notar que a dança clássica ao longo dos séculos foi e é uma arte muito estudada por seus bailarinos e mestres, como é retratado por Bourcier (2001) em seu livro *História da dança no Ocidente*, onde é descrita uma forma de fazer arte muito bem estruturada e fundamentada. A dança clássica não é apenas a execução de uma sequência de passos, para ser um bailarino é necessário que o movimento seja expressivo. Para Vaganova (2019, p.36) a coordenação de todos os movimentos do corpo humano no exercício da dança propicia ao bailarino que ele acrescente sua expressividade que se chama interpretação artística.

Segundo Castro (2015 *apud* Azevedo 2017, p.69), atualmente temos sete escolas tradicionais com métodos e estilos de ensino e prática da técnica da dança clássica. Este trabalho teve como base a sistematização da escola russa nomeada como método Vaganova em homenagem a sua autora Agrippina Iakovlevna Vaganova (1879-1951).

Na dança clássica saber se posicionar no espaço ou compreender a movimentação do corpo no espaço é de suma importância para um aprendizado técnico eficaz e para a apreciação da dança. Stépanow⁵ (1892), um importante teórico e notador da dança no final do século XIX, diagramou pontos no espaço ao qual o bailarino se direciona ao girar (Figura 1).

Figura 1: Diagrama do espaço de Stepanow.

⁵ W.J.Stépanow. 1892. *Alphabet des mouvements du corps humain*. É uma obra onde o autor sistematiza a notação dos movimentos de dança, utilizando símbolos e números, onde oferece uma metodologia detalhada de registrar as diferentes posições e movimentos do corpo humano.

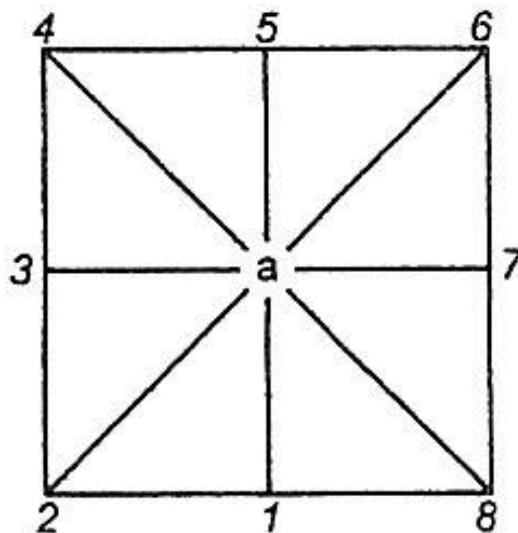


Fonte: STÉPANOW, 1892. p.50.

Por Stépanow (1892) trabalhar no Balé Imperial Russo no final do século XIX e Vaganova ser bailarina no mesmo período, entende-se que ela teve contato nesses anos com o diagrama de Stépanow. Porém, é quando Vaganova encerra sua carreira cênica de dançarina e dá início a atividade pedagógica que Vaganova propõe reorganizar esse diagrama, pois lhe pareceu mais cômodo (Vaganova, 2013, p.35).

Ao passo que o número 1 é a frente, o número 2 é a diagonal direita frente, número 3 é a parede direita, número 4 é diagonal direita trás e assim por diante (Imagem 2) e a letra “a” na imagem é onde o bailarino está posicionado. Para Azevedo (2017, p.71), o diagrama auxilia o bailarino a posicionar-se e referenciar-se conforme as marcações, ele consegue então “imaginar todas as direções possíveis e desta maneira, movimentar-se de forma mais variada e expressiva”.

Figura 2: Diagrama do espaço de Vaganova.



Fonte: VAGANOVA, 2023, p.35.

Observa-se que o diagrama espacial de Vaganova é uma ferramenta visual para a aprendizagem, mas até que ponto o ensino da dança clássica, utilizando o diagrama espacial de Vaganova como recurso pedagógico, influencia a consciência corporal de crianças de 9 e 10 anos de idade com relação a percepção do seu corpo no espaço? Ou esse é um recurso reservado para turmas mais avançadas tecnicamente?

Por muitos séculos a criança foi considerada um “mini adulto”, conceito esse superado com o surgimento da psicologia e seus teóricos. Hoje se entende que a criança e o adolescente têm características próprias de cada faixa etária. Segundo Bock *et al.* (2008, p.118 e 119) “o desenvolvimento humano deve ser entendido como uma globalidade, mas para efeito de estudo tem sido abordado a partir de quatro aspectos básicos”: aspecto físico motor (maturação neurofisiológica); aspecto intelectual (capacidade de raciocínio); aspecto afetivo-emocional (forma particular do indivíduo integrar a suas experiências); aspecto social (forma como o indivíduo reage diante de situações que envolve outros indivíduos) (Block et al. 2008).

É possível analisar esses aspectos de forma integrada. No entanto, também é viável analisar o desenvolvimento como um todo, focando em um dos aspectos específicos. Por exemplo, a capacidade da criança engatinhar é um aspecto físico motor, mas, nesse caso, não foram investigados os outros aspectos e nem suas repercussões.

Para Vigotsky “a história da sociedade e o desenvolvimento do homem caminham juntos” (Bock *et al.*, 2008. p.126), e enfatiza a importância das interações sociais e culturais para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo. Vigotsky entende que o aprendizado é um processo social e as habilidades cognitivas são construídas através das interações com outros indivíduos. Este pensamento leva ao conceito da Zona de Desenvolvimento Proximal (figura 3) (Vigotsky, 2007), que é basicamente o que a criança já consegue fazer, o que ela consegue fazer com auxílio e/ou suporte de algum outro indivíduo e o que ela ainda não consegue fazer.

Figura 3: Zona de desenvolvimento proximal.



Fonte: Elaborado pela autora.

Considerando os pontos de vista de Vigotsky e Vaganova sobre espaço, percebe-se então uma convergência de ideias dos autores, pois para Vigotsky a escola surge como um “espaço de relações sociais e de contato sistemático com a cultura do grupo social” (Bock *et al.*, 2028, p.144) ao qual o indivíduo está inserido. Para Vaganova, o ensino da técnica clássica não está fechado em um esquema ou uma norma fixa para a construção das aulas, mas sim da sensibilidade e experiência do professor (Vaganova, 2019, p.40) com relação ao seu aluno. Logo, a sala de aula se torna um ambiente onde o aluno está inclinado ao aprendizado e o professor está como um agente mediador para a aprendizagem desse aluno.

Piaget (Bock *et al.*, 2008, p.119) traz em sua teoria uma divisão por períodos para o desenvolvimento humano. Ele divide a fase da criança em quatro períodos (sensório-motor; pré-operatório; operações concretas; operações formais) de acordo com o aparecimento de novas qualidades do pensamento. No período das operações concretas que ocorrem entre 7 aos 12 anos, a criança no seu desenvolvimento motor progride para “uma plena integração do corpo, com maior equilíbrio da força muscular e aperfeiçoamento crescente das habilidades (...), a coordenação motora fina, o reconhecimento da lateralização no outro e a atemporalidade.” (Santos *et al.*, 2009, p.87). “Consegue exercer suas habilidades e capacidades a partir de objetos reais, concretos” (Bock *et al.*, 2008, p.123), a criança assim começa a ser capaz de resolver problemas que existem ou existiram de forma concreta, para Santos *et al.* (2009, p.88):

O pensamento, embora evoluído, ainda obedece a uma lógica da realidade concreta, ou seja, mesmo a reflexão que se inicia, se exerce a partir das situações presentes ou passadas vivenciadas pela criança. Também Wallon reconhece nesse período grandes avanços no campo da inteligência, pois o interesse da criança vai se orientar ao mundo exterior, ao conhecimento e as coisas.

De acordo com o autor, nos os anos finais desse período, a criança, teoricamente, teria conhecimento de sua força muscular, se orientaria no espaço com relação a outro colega, lembraria com maior precisão de aulas e conteúdos ministrados anteriormente, por exemplo. Seria agora um bom momento para introduzir o diagrama espacial? Já que ao “situar-se no centro deste quadrado imaginário, a pessoa consegue imaginar todas as direções possíveis e desta maneira, movimenta-se de forma mais variada e expressiva” (Azevedo, 2017, p.75).

Para Laban (Lobo, L. Navas, C. 2007), o uso do espaço tem duas referências de estudo: o “espaço no corpo” (um espaço tridimensional) e o “corpo no espaço”.

Na primeira delas, o “espaço no corpo”, toma-se como referência o próprio corpo, e a partir deste definem-se direções e lugares. Na segunda, o “corpo no espaço”, toma-se um determinado espaço externo (palco, sala) como referência direcional para o corpo. (LOBO, L. NAVAS, C. 2007. p.153).

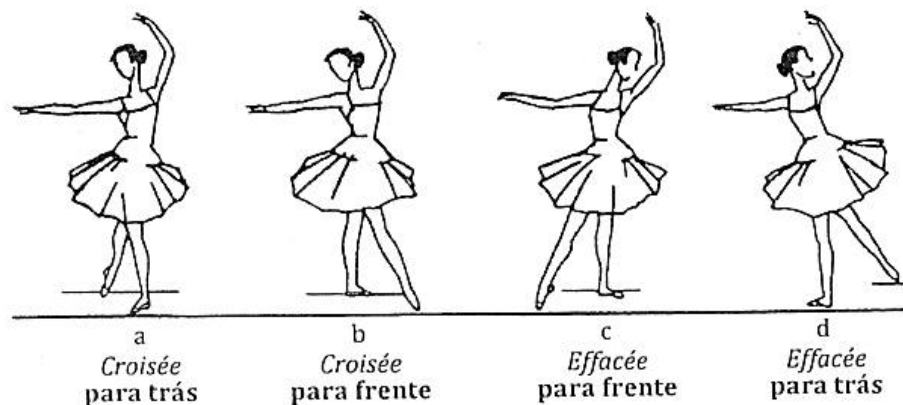
O espaço tridimensional imaginário ao redor do corpo da pessoa é chamado de cinesfera, é onde acontece o movimento (Lobo, L. Navas, C. 2007). A codificação tanto de Stepanow quanto de Vaganova diagramou o espaço de forma bidimensional para os bailarinos, enquanto Laban propõe a tridimensionalidade, considerando a

cinesfera como um todo, trazendo assim mais possibilidades de análises de movimento espacial.

A análise de movimento dentro da cinesfera é importante para o bailarino, pois são nesses momentos que ele terá a oportunidade de explorar e compreender como se movimentar pelo espaço, sua expressividade e o impacto do movimento no espaço. Na dança clássica os bailarinos usufruem de todo o corpo para criar linhas, formas e expressões dentro do espaço tridimensional. “O corpo leva consigo a cinesfera para onde quer que se movimente, nunca saindo desta, que parece ser uma áurea, bolha ou invólucro ampliado” (Lobo, L. Navas, C. 2007. p.153).

Cinesfera e o diagrama espacial de Vaganova, aqui abordado, podem se correlacionar quando o estudante inicia sua percepção de sua cinesfera para se movimentar dentro das direções e planos do diagrama espacial como nas poses *croisée* ou *effacée* no exemplo da figura 4. O controle de movimentação dentro da cinesfera permite que o bailarino execute com precisão direcionamentos e alinhamentos dentro do diagrama espacial desenvolvido por Vaganova.

Figura 4: Poses *croisée* e *effacée*



Fonte: VAGANOVA, 2023, p.57.

Segundo Katz (2006, *apud* Mommensohn 2006, p.55) “no balé, é para a vertical que o movimento retorna e de onde parte”, movimentos coordenados entre braços, pernas, cabeça e tronco criam tensões harmônicas e durante uma aula de dança clássica buscamos justamente esta harmonia. Entretanto para chegar nessa harmonia necessitamos estudar cada passo separadamente, sua origem, direção e finalização, para depois combiná-los. Os movimentos são tridimensionais, ou seja, acontecem em largura, altura e profundidade, ou seja nos três planos sagital, frontal e transversal.

Porém, para facilitar as explicações teóricas se faz necessário uma análise unidimensional e bidimensional, todavia é importante lembrar que a dança é tridimensional. Tais conceitos “só podem ser aplicados na dança apenas como um recurso de linguagem, pois o corpo humano e seus movimentos ocupam e lidam de fato com o espaço tridimensional” (Robatto *apud* Mommensohn. 2006. p.139).

2.1 Análise das entrevistas

Para analisar como o diagrama espacial de Vaganova contribui para o desenvolvimento da consciência corporal das crianças de 9 e 10 anos de idade em aulas de dança clássica, este estudo adotou uma abordagem qualitativa bibliográfica e etnográfica. A pesquisa bibliográfica consistiu na análise sistemática de obras e referenciais teóricos pertinentes à fundamentação do estudo, viabilizando a contextualização dos conceitos relacionados à percepção espacial, ao ensino da dança clássica e ao desenvolvimento infantil. Na etapa empírica, foi adotada uma abordagem qualitativa de caráter etnográfico, visando compreender a prática pedagógica em seu contexto natural, por meio da escuta ativa e da análise aprofundada das experiências vivenciadas por docentes atuantes na área.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas e sua análise se deu utilizando análise temática, identificando padrões de respostas quanto à consciência corporal, percepção do espaço e aspectos pedagógicos. A análise qualitativa realizada neste estudo procura compreender como o diagrama espacial de Vaganova é percebido como recurso pedagógico no desenvolvimento da consciência corporal de crianças bailarinas. Os resultados foram organizados em duas dimensões principais: consciência corporal e espacial e aspectos pedagógicos. Essa divisão surgiu da análise temática dos relatos da entrevista e evidenciam tanto os benefícios proporcionados pelo diagrama espacial de Vaganova quanto os desafios enfrentados na aplicação prática. A seguir, cada uma dessas dimensões será apresentada e analisada, trazendo exemplos reais dos relatos e relacionando-os ao referencial teórico utilizado neste estudo.

2.1.1 Consciência corporal e espacial

Um dos aspectos mais citados entre os entrevistados foi como o ensino do diagrama espacial de Vaganova favorece a construção da consciência corporal e espacial da criança, permitindo uma melhor compreensão da relação do corpo com o espaço de maneira progressiva e estruturada. Esse processo não apenas favorece a percepção espacial, mas também aperfeiçoa o controle motor primordial para a técnica da dança clássica.

Na execução de um *battement tendu simple*, por exemplo, a criança começa não apenas a perceber se a sua perna de trabalho está indo na direção correta, mas também a perceber nuances de alinhamento, como no momento da execução se ela está abrindo levemente para a diagonal a perna de trabalho, desenvolvendo assim um refinamento motor necessário para a técnica clássica. No período das operações concretas o diagrama espacial pode atuar como suporte visual e motor para que o bailarino desenvolva suas habilidades cognitivas e motoras simultaneamente, fortalecendo sua capacidade de se orientar no espaço. Essa construção de percepção corporal se dá em conjunto com a internalização da cinesfera, conceito de Laban, permitindo que a bailarina entenda o espaço ao seu redor como uma extensão do

próprio corpo, desenvolvendo assim o seu próprio referencial espacial, mantendo-o independente de onde esteja dentro ou fora da sala de aula.

O ensino das poses também é introduzido nesse momento. Quando a criança diferencia o corpo no espaço e o espaço no corpo, já está usando uma compreensão mais aperfeiçoada da técnica. Essa ideia é reforçada pelo entrevistado 3: “Porque o diagrama de Vaganova, embora a gente determine pontos na sala, ele não é o ponto da sala em si. A sala é um referencial. Eu tenho o meu quadrado pessoal, eu falava para as meninas, que era o meu pequeno palco, a minha pequena sala. E que vai comigo para onde eu for”. Dessa forma, o diagrama espacial auxiliaria na autonomia espacial do bailarino.

O professor como um agente mediador, conduziria a criança a internalização do seu espaço pessoal, que depois se tornará um conhecimento internalizado, possibilitando que ela, criança, se posicione de forma autônoma e consciente no espaço. A utilização do diagrama espacial como um referencial móvel auxilia o aluno a compreender que as direções e poses não são fixas apenas em relação a sala, mas também a sua própria orientação corporal, permitindo maior fluidez e adaptação.

À medida que a criança vai compreendendo seu espaço pessoal ela compreende as diferenças técnicas entre as poses, suas direções e inclinações com maior precisão. Isso acontece porque a técnica clássica requer um refinamento técnico progressivo, onde o bailarino aprende a reconhecer as relações entre os movimentos, as poses, os deslocamentos espaciais em conjunto com sua orientação no espaço. Essa aprendizagem, segundo Vigotsky, acontece na zona de desenvolvimento proximal, já que a criança precisa no início da mediação do professor para assimilar a organização espacial, entretanto gradativamente internaliza esse conhecimento e o emprega automaticamente. Como apontou o entrevistado 1: “Quando a criança, ela aprende mesmo. Ela consegue montar as direções. Você consegue ver que aquilo ali dá um norte também pro bailarino. Porque eu me reconheço naquele espaço. Então, eu tenho um espaço e eu tenho direções que eu tenho que seguir. E essas direções me ajudam a me colocar no espaço”. Auxiliando o bailarino a transitar de forma autônoma e segura entre as diferentes poses e dançar de forma mais orgânica e natural.

2.1.2 Aspectos pedagógicos

O uso do diagrama espacial de Vaganova como ferramenta pedagógica foi unanimemente reconhecido pelos entrevistados como um valioso recurso na sala de aula. Segundo o entrevistado 2: “elas (crianças) vão aprendendo que o corpo não é somente a frente”. Todos os educadores explicaram que primeiramente eles mostram os pontos do diagrama espacial utilizando a sala de aula, lançando mão do conceito de Laban de corpo no espaço. Depois de assimilado, o professor parte para o conceito de espaço no corpo. Uma parte significativa dos professores desenharam o diagrama espacial no chão (os materiais vão variar de acordo com a realidade de cada escola) com o propósito dos bailarinos perceberem as diferenças relacionais no espaço de si com o espaço e de si com o outro colega de turma.

O entrevistado 3 sugere a seguinte atividade: Todos virarem para o mesmo ponto de seu diagrama espacial e analisar o que está na sua frente. A barra da sala, a caixa de som, uma manchinha no espelho, por exemplo. Todos trocam de quadrados com os colegas e viram-se para o mesmo ponto escolhido inicialmente. O professor leva então os alunos a analisarem se eles estão de frente para a mesma marcação inicial, a barra da sala, caixa de som ou a manchinha, por exemplo, e os leva a pensar porque essa marcação não se repetiu. Esse exercício é uma excelente amostra sobre a realidade concreta de Piaget, em que a criança começa a ser capaz de resolver problemas que existem ou existiram de forma concreta.

Para o entrevistado 3, “o desafio realmente é sem ter uma marcação no chão” para guiar as crianças. Ele continua: “Quando você tira o quadrado da marcação porque elas estão se deslocando ou coisa parecida, já é um pouco mais difícil delas terem essa percepção desenvolvida”. Essa confusão relatada é normal no início, porém é importante que o professor conduza a turma para esse aperfeiçoamento. Como é observado no conceito da zona de desenvolvimento proximal, a criança já consegue executar o comando dentro do diagrama desenhado, retiramos o diagrama e conduzimos a criança a executar os passos sem esse desenho concreto para que ela, em um futuro, não necessite de auxílio como afirma o entrevistado 3: “Elas processarem no corpo sem precisar da marcação no chão ou uma marcação na sala.”

O entrevistado 3 relata ainda que não utiliza da obrigação da memorização da sequência numérica do diagrama espacial no momento do ensino. Ele apresentava o desenho do diagrama espacial e priorizava uma compreensão prática por parte das crianças, o que também dialoga diretamente com a conceito do desenvolvimento proximal. Onde o professor instiga as crianças a criarem seus próprios significados com apoio inicial do desenho e desenvolvam autonomia gradualmente. Porém, pedir que as crianças aprendam os pontos numéricos do diagrama espacial pode auxiliar no desenvolvimento do raciocínio lógico identificando padrões.

Outro ponto em que os entrevistados deram visões distintas, porém complementares, foi na necessidade das crianças em ter ou não conhecimentos corporais prévios ao ensino do diagrama espacial. O entrevistado 1 disse:

Dependendo do que ela vivenciou antes dali, ela tem algumas dificuldades. Então a criança precisa de conteúdos anteriores ao diagrama. Ela precisa reconhecer o que é direita e esquerda, o que é frente e trás. Entender o que é o cruzado, entender o que é aberto. Porque eu estou ensinando *croisée*, *effacée*, *écartée*. E tudo isso deriva de uma colocação desse corpo. Que é uma colocação em *en dehors*. (...) Mas dependendo de quem introduziu ela no balé, ela provavelmente não vai ter essa noção. Ela vai saber fazer uma quinta posição por repetição. Ela vai saber fazer uma terceira posição por repetição. Uma segunda por repetição. Mas ela não vai ter essa consciência do corpo dela. Então eu acho que antes do diagrama, precisam-se coisas (vivências corporais) para ela poder se reconhecer.

O entrevistado 3 afirmou que:

Independente dela (criança) ter feito algo prévio ou de onde ela fez (...) eu preferia alguém que nunca tivesse feito nada do que tivesse feito em algumas condições que eu não gosto. Com alguns professores que eu acho que não iam fazer um trabalho bem feito. Então, pode ser que ela não

tivesse nada, ela ia ter talvez um pouquinho mais de dificuldade de assimilar, mas eu ia trabalhar do mesmo jeito

Na segunda fala observa-se uma preferência por crianças sem vivências prévias “negativas”, ressaltando que um estudo inadequado pode prejudicar o aprendizado. O que se relaciona diretamente com Vigotsky quando se considera o apoio do mediador (professor) necessário para superar barreiras cognitivas e motoras dentro da zona de desenvolvimento proximal.

Contudo, a primeira fala mostra a importância de uma base de conhecimento corporal como o domínio do *en dehors* e o entendimento das direções espaciais. O que dialoga tanto com a técnica clássica quanto a estruturação do conhecimento progressivo e hierarquizado, quanto com Piaget quando as crianças primeiro precisam de vivências concretas e sensorio-motoras, para depois passar para abstrações mais complexas. Em suma, ambas as falas convergem para uma ideia: o diagrama espacial não é um recurso isolado, é um elemento que engloba uma construção progressiva técnica reforçando o papel do professor como mediador dessa estruturação.

2.1.3. Aplicação prática

A partir dos relatos dos três entrevistados e do suporte teórico selecionado é observado que a criança necessitará de um período de tempo para experienciar e assimilar o conceito de corpo no espaço e espaço no corpo. Ponderando iniciar a percepção do corpo no espaço com o uso do diagrama espacial de Vaganova, o plano de aula⁶ foi estruturado em três partes interconectadas. Aquecimento, apresentação do diagrama espacial de Vaganova e aplicação prática corporal desse diagrama espacial.

O aquecimento é o momento em que o estudante tem para despertar e aquecer o corpo (FARACO, F. TREVISOLI, T. 2015) para a prática que seguirá. A barra-chão ou barra-solo:

Consiste em, primeiramente, em exercícios de dança clássica realizados no chão, minimizando o efeito da gravidade e priorizando a consciência do corpo, o alinhamento corporal e a qualidade do movimento. A seguir são realizados exercícios em pé, para que o bailarino possa manter a postura aprendida no solo através da memória muscular.(FARACO, F. TREVISOLI, T. 2015. p.16 e 17)

As crianças deitadas ao solo conseguem direcionar a atenção para o movimento a ser executado e realizá-lo com maior segurança no que se refere a lesões. Por não estarem em pé, não há perda de equilíbrio ao executar um *grand battement jeté*, por exemplo, o risco de cair e causar uma lesão é diminuído. A barra-solo auxilia a percepção de alinhamento corporal e ativação do *core*.

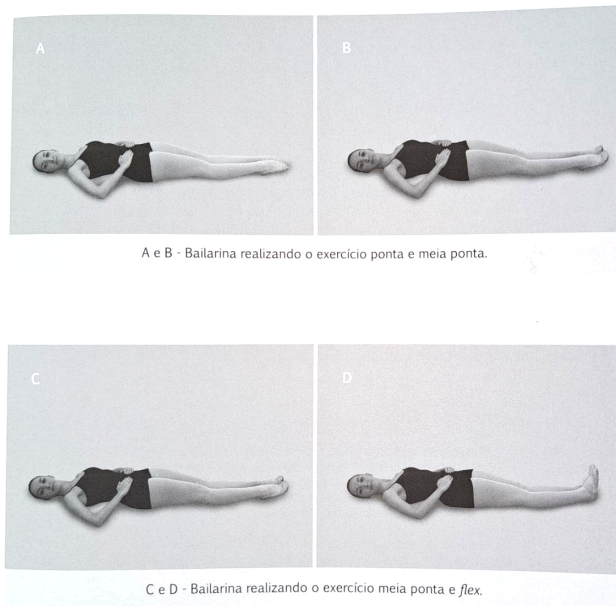
O primeiro exercício é a dorsiflexão, plantiflexão, rotação *en dehors* e *en dedans* da articulação coxo femoral em decúbito dorsal (Figura 5). Deitadas no chão para que a atenção seja voltada para a movimentação do tornozelo e dedos dos

⁶ O plano de aula encontra-se no apêndice A.

pés, explorando gradualmente suas possibilidades articulares, pois posteriormente as crianças irão fazer pequenos saltos.

Esse processo dialoga com a perspectiva de Piaget uma vez que as crianças experimentam e internalizam o movimento (SANTOS, M. XAVIER, A. NUNES, A. 2009. p. 62). Além do mais a mediação do aprendizado, de maneira que o professor pode auxiliar na ampliação da zona de desenvolvimento proximal ao orientar e demonstrar os movimentos.

Figura 5: Dorsiflexão e plantiflexão em decúbito dorsal



Fonte: FARACO, F. TREVISOLI, T., 2015, p.43.

A execução ocorre em um andamento musical mais lento para que as crianças não tenham pressa em executar o movimento e sim perceber a possibilidade de movimentação articular em foco preparando-os para os saltos ao longo da aula. O exercício se alinha à dança clássica valorizando o fortalecimento e a precisão técnica desde o início do treinamento nos anos iniciais do ensino técnico.

O segundo exercício é realizado em pé, com as mãos apoiadas levemente na cintura e movimentos de cabeças para o lado direito, esquerdo e circundação. O objetivo desse exercício é o alongamento dos músculos extensores, flexores e rotadores do pescoço, além de promover a consciência corporal sobre a movimentação isolada da cabeça e pescoço em detrimento a cintura escapular, pois no exercício número 5 é realizada uma sequência onde há a definição apenas do movimento da cabeça em um compasso, sem a ação de outras partes do corpo.

Esse exercício proporciona ao estudante o desenvolvimento da coordenação motora, já que permite que a criança investigue e entenda seus movimentos conforme sua percepção sensório-motora. Já a ênfase na segmentação corporal dialoga com os princípios de Laban, valorizando a consciência corporal e a organização do movimento em relação ao espaço. A realização detalhada e controlada desse movimento é necessária para a dança clássica quando for aplicado nos *port de bras*, por exemplo, pelo refinamento técnico e precisão em girar ou inclinar a cabeça.

Já o terceiro exercício é uma mescla dos dois primeiros exercícios, porém em pé e com apoio da barra. Ao realizar os *elevés* os pés permanecem paralelos, mãos levemente apoiadas na barra e cabeça voltada para frente. Nesse exercício é desenvolvido a força da musculatura dos pés e tornozelos, fundamental para o equilíbrio e sustentação na dança clássica. É exigido da criança ajuste na postura e coordenação para manter o alinhamento corporal durante a execução dos *elevés*. As crianças terão a tendência de jogar o peso do corpo para as mãos que estão segurando a barra, causando um desalinhamento corporal.

Durante a execução da sequência de *elevés* e alternâncias de pés é importante que as crianças continuem olhando para a frente e evitem olhar para os pés, já que isso causa uma perda de alinhamento corporal. Quando a sequência de movimentos reiniciar é adicionado o movimento de cabeça para direita e para esquerda durante a execução dos *elevés*. A combinação de dois movimentos prepara o aluno para os demais exercícios da aula proposta onde acontecerão movimentos em planos diferentes, como direcionar a cabeça para o lado e a perna desliza para frente.

No quarto exercício temos a apresentação do diagrama espacial de Vaganova feita de forma visual, inicialmente, com as crianças olhando para o diagrama espacial e correlacionando com a sala de aula ao qual está dentro. Utilizando algo concreto para apoiar a construção de conhecimento. Ao olhar o diagrama e comparar o espaço ao seu redor, sala de aula, as crianças absorvem a relação entre algo teórico e algo prático, desenvolvendo gradualmente sua percepção espacial.

Quando as crianças vão colocar os cartões com os números nos pontos da sala que correspondem a numeração do diagrama espacial e o diagrama está virado para o chão, elas precisam confiar no conhecimento adquirido e reconstruí-lo na mente. Ao analisarem se os cartões que colocaram correspondem aos números do diagrama espacial, o professor tem a oportunidade de fazê-las analisar não apenas acertos ou erros, uma correção mecânica, mas a observação sobre o processo individual, particular, valorizando assim o esforço contínuo na aprendizagem.

A quinta atividade vai propor vivenciar com movimentos o diagrama mesclando ritmo (palmas), flexão e extensão dos joelhos (uma leve introdução do *plié*), mudança de direção rápida do corpo e movimentação de cabeças. Essa prática aprimora a coordenação motora e a musicalidade, aspectos necessários para a dança. De forma progressiva, o exercício desenvolve a consciência corporal e a reorganização do movimento, preparando os estudantes para desafios técnicos mais avançados.

É um exercício que pode ser repetido em várias aulas dependendo do objetivo delas. O professor pode em uma aula pedir para as crianças ficarem apenas no ritmo das palmas e precisão de execução musical. Outra aula com o mesmo exercício, as crianças podem focar no *plié* que é realizado antes do salto e na sua aterrissagem ao solo. Em uma aula seguinte, o professor pode pedir para as crianças ao invés de virar para os pontos ímpares do diagrama espacial, fazerem toda a sequência para os pontos pares. Essa última proposta é mais avançada e recomendada para turmas que já tenham alguns meses de prática. O exercício de número seis é uma sugestão da variação do exercício cinco, permitindo novas abordagens que aprofundam ainda mais o aprendizado.

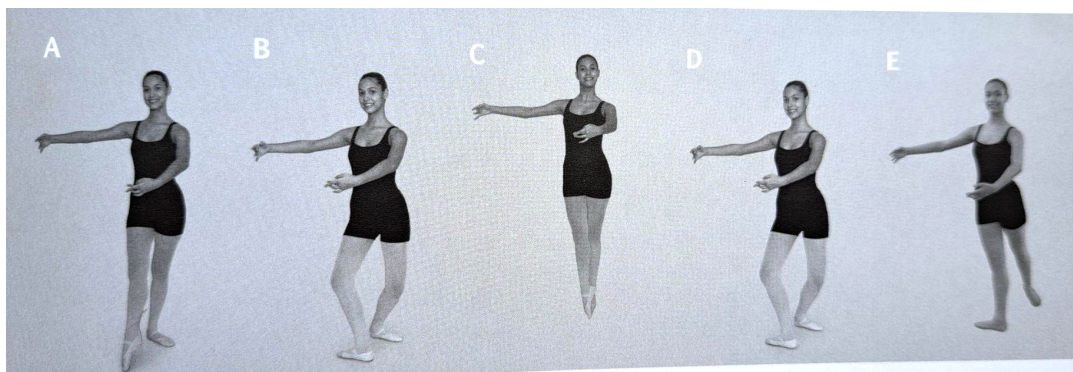
O exercício sete é uma introdução para o conceito de espaço no corpo, ao qual seria, em hipótese, a aula seguinte para essa turma. Com uma sequência já conhecida pelas crianças de *battement tendu simple*, realizaremos com a atenção voltada para as direções que as pernas executam. A música um pouco mais simples nesse momento é mais fácil para a criança fazer o movimento pedido e pensar sobre as direções que as pernas vão e então correlacionar ao diagrama espacial.

A cabeça é voltada para a frente. Por se tratar de uma turma iniciante, algumas nunca tiveram contato com outra prática corporal, a cabeça nesse exercício pode atrapalhar, mais que beneficiar. Todos os exercícios realizados até aqui são de apenas um comando por vez, pular, olhar e bater palmas. Não temos movimentos combinados, por exemplo, ao mesmo tempo que se realiza um *battement tendu simple* ao lado, a cabeça olha ao lado e braços estão na segunda posição. Pois, a criança terá três pontos de foco (pernas, cabeça e braços) e certamente fará dois deles desleixadamente. Gradativamente o professor precisa sim, ir inserindo esses movimentos combinados para desenvolver essa consciência ampliada, porém por se tratar de uma turma muito iniciante, optou-se pelo simples inicialmente.

O oitavo exercício retoma o conceito de corpo no espaço, entretanto com a introdução e utilização de um salto em deslocamento entre os pontos pares do diagrama, realizando assim diagonais na sala. Esse deslocamento demanda das crianças uma consciência espacial maior e coordenação motora aprimorada. A execução do *galop* será feita em dupla e de mãos dadas, promovendo a cooperação e o aprendizado social.

Nesse momento o professor necessita avaliar a sua turma e o nível de conhecimento técnico da turma. Se as crianças já sabem saltar utilizando o *en dehors*, o professor pode pedir para os alunos realizarem a execução como está demonstrado na Figura 6. Porém, se o professor observa que as crianças ainda não desenvolveram essa característica, e por não ser uma aula voltada para execuções de saltos e sim no uso do espaço, é sugerido que as crianças executem o salto com as pernas *en dedans*, para prevenir futuras lesões e/ou execuções erradas.

Figura 6: Galops en avant (para frente)



Fonte: FARACO, F. TREVISOLI, T., 2015, p.35.

Ao aplicar o plano de aula com uma turma de dezesseis alunas da faixa etária de 9 e 10 anos de idade, com nível iniciante na dança clássica, observou-se que a multiplicidade de comandos durante a execução do movimento confundiu as crianças iniciantes, pois elas paravam de dançar para corrigir o que era pedido, por

exemplo a postura das costas e colocação de braços durante o exercício dois. Por essa razão os exercícios estão com as mãos apoiadas na cintura, permitindo que as crianças dirijam sua atenção à execução do passo ao invés da colocação dos braços. Por esse plano de aula ser um recorte específico de um planejamento maior, semestral ou anual, e acreditando que o conhecimento é algo construído ao longo das aulas, não levamos o foco ao posicionamento de braços em posições da dança clássica e as correções posturais foram realizadas pontualmente, individualmente ou em grupo, durante as execuções dos exercícios.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo investigou quais contribuições o diagrama espacial de Vaganova pode propiciar aos bailarinos de 9 e 10 anos de idade que estão sendo introduzidos na técnica clássica, buscando compreender seus benefícios para a conscientização corporal e espacial dos estudantes de modo a compreender, executar e controlar seus movimentos no espaço. Com base nas reflexões apresentadas ao longo do estudo, fica evidente que a utilização do diagrama espacial desenvolvido por Vaganova possibilita uma formação mais concreta e estruturada para os estudantes de dança clássica. O ensino estruturado das direções espaciais e poses, em conjunto com a compreensão progressiva da relação entre corpo e espaço, propicia o desenvolvimento da autonomia espacial permitindo que as crianças dançam de forma mais segura e consciente.

As entrevistas realizadas com os professores validam a ideia de que o diagrama espacial atua como suporte visual e motor, necessário para que as crianças internalizem conceitos espaciais e refinem progressivamente a técnica clássica. Ao usar de atividades práticas, como o desenho do diagrama espacial no chão ou a utilização dos pontos de referência da sala com o diagrama espacial, os professores estimulam a percepção corporal e espacial da criança de maneira concreta, em concordância com as teorias de Vigotsky e Piaget.

Já a progressão da aprendizagem técnica da dança clássica entra em consonância com a conceito da zona de desenvolvimento proximal, sendo evidenciada quando o professor faz a mediação inicial e o bailarino vai adquirindo autonomia na compreensão das direções espaciais, por exemplo. Esse trajeto também mostra a internalização da cinesfera ao demonstrar como a criança passa a perceber o espaço ao seu redor como parte da sua própria expressão artística.

Os pontos de vista divergentes entre os entrevistados em relação a memorização numérica e a necessidade de experiências corporais prévias indicam que, independente do contexto introdutório da criança, o diagrama espacial de Vaganova pode ser um eficiente material para estruturar e aprimorar a percepção espacial. À medida que alguns entrevistados evidenciam a importância de um conhecimento corporal inicial, outro foca na possibilidade de trabalhar a consciência espacial mesmo em crianças sem experiência prévia.

Apesar dos resultados relevantes observados na análise da aplicação do diagrama espacial, é importante apontar que os professores estão restritos a uma

carga horária determinada pelas instituições em que atuam. Eles ficam restritos a um contexto de aulas que ocorrem, em média, de duas a três vezes por semana, com duração de uma hora. Isso gera um desafio onde o professor, com esse tempo sucinto, carece de um planejamento eficiente, com conteúdos organizados de forma progressiva e estruturada para assegurar uma assimilação gradual dos conteúdos por parte dos estudantes. A pesquisa baseou-se predominantemente em relatos de professores, não foi realizado um acompanhamento longitudinal ou mensuração quantitativa do avanço das crianças para determinar objetivamente a evolução técnica ao longo dos anos de estudo.

Este estudo teve como alvo apenas o diagrama espacial de Vaganova, sem uma análise comparativa com outros métodos ou escolas técnicas de dança clássica existentes ou possíveis diagramas desenvolvidos por elas, logo a presença, diferença ou ausência de marcações físicas no chão ou imagens para auxiliar a compreensão do diagrama podem ter influenciado a experiência dos estudantes.

Uma forma de continuidade desta pesquisa poderia ser a análise da aplicação do diagrama espacial de Vaganova em diferentes faixas etárias, analisando sua eficácia para crianças mais novas, por exemplo, em diferentes estágios de desenvolvimento da consciência corporal e espacial na dança. Seria relevante integrar conhecimentos da neurociência e psicomotricidade para entender como o diagrama espacial influencia no desenvolvimento cognitivo e motor das crianças. Por último, sugere-se a criação e avaliação de materiais didáticos visuais, tecnológicos e interativos baseados no diagrama espacial de Vaganova, procurando contribuir com a assimilação dos conceitos espaciais por crianças em diferentes níveis de aprendizagem técnica.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, E.C. **Arte da dança e tendências contemporâneas do balé: projeções na educação**. 2017. 212 p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília. 2017.

BOCK, A.M.B; FURTADO, O; TEIXEIRA, M.L.T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 14ª ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

BOURCIER, P. **História da dança no Ocidente**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). Quem somos. **Portal de Periódicos CAPES**, [20--]. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php/sobre/quem-somos.html>. Acesso em 31 agosto de 2024.

FARACO, F. TREVISOLI, T. **Treinamento funcional para bailarinos**. Joinville: Bernadete Costa, 2015.

LOBO, L. NAVAS, C. **Teatro do movimento: um método para um intérprete criador**. 2ª ed. Brasília: LGE. 2007.

MOMMENSOHN, M. PETRELLA, P. **Reflexões sobre Laban, o mestre do movimento**. São Paulo: Summus, 2006.

SANTOS, M. XAVIER, A. NUNES, A. **Psicologia do desenvolvimento: teorias e temas contemporâneos**. Brasília: Liber Livro, 2009.

STÉPANOW, W. J. **Alphabet des mouvements du corps humain**. Paris: M. Zouckermann. 1892. Disponível em: <https://archive.org/details/alphabetdesmouve00step/mode/2up>, acesso em 29 de agosto de 2024.

TAYLOR & FRANCIS. About. **Taylor & Francis**, [20--]. Disponível em: <https://taylorandfrancis.com/about/>. Acesso em 31 agosto de 2024.

VAGANOVA. A.I. **Fundamentos da dança clássica**. Tradução: Ana Silva E Silvério. 3ª ed. [s.l]:[s.n]. 2019.

VIGOTSKY, L. **Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

APÊNDICE A — PLANO DE AULA

IDENTIFICAÇÃO: Clara Kethurin Castro Ferreira
TEMA: Introdução ao diagrama espacial de Vaganova
FAIXA ETÁRIA: 9 a 10 anos de idade
NÍVEL: Iniciante
DURAÇÃO: 45 minutos
OBJETIVOS:
Apresentar de forma lúdica o diagrama espacial de Vaganova.
CONTEÚDOS:
Diagrama espacial de Vaganova. Movimentos da dança clássica (<i>elevé, plié, tendu</i>) Movimentos da dança infantil (<i>galope</i>)
RECURSOS DIDÁTICOS:
Diagrama espacial de Vaganova impresso em folha A3. Sequência numérica de 1 a 8 impressa em folhas A4 e recortadas. Música e aparelho de som. Barra de dança clássica.
METODOLOGIA:
A aula terá início com aquecimentos voltados para as movimentações articulares dos pés, coluna e cintura escapular. Em seguida a professora apresentará o diagrama espacial de Vaganova e sua aplicação no espaço da sala. Logo após serão realizadas sequências de movimentos onde as crianças terão como foco os pontos do diagrama espacial. A aula será finalizada com uma reverência a professora e a banca avaliativa.
DESCRIÇÃO DAS PROPOSTAS E MÚSICAS UTILIZADAS:
1º exercício: O início se dará com todos deitados no chão em decúbito dorsal, fazendo um aquecimento para os pés, movimentando-os em ponta e flex, e alternadamente, em posição de pés paralelos e <i>en dehors</i> . Música: https://www.youtube.com/watch?v=dJqfl3mFT7M
2º exercício: Em pé, de frente para o espelho, as crianças com pés paralelos, cabeças se movimentam para o lado direito, esquerdo e circundação. Mãos na cintura. Música: https://www.youtube.com/watch?v=WQ1qq4jYNW4
3º exercício: De frente para a barra, será pedido que as crianças façam o movimento de <i>elevé</i> com pés paralelos. Primeiramente os dois pés juntos, depois alternando o movimento de elevação e por último as crianças direcionarão as cabeças para direita e esquerda durante a execução dos <i>elevés</i> .

Música: <https://www.youtube.com/watch?v=cX9vu2uBjhU>

4º exercício: Será mostrado o diagrama espacial de Vaganova impresso em folha A3, seguido de uma explicação sobre como ele se aplica no espaço da sala. A professora pegará uma sequência numérica de 1 a 8 e virará de cabeça para baixo no chão, as crianças escolherão os números sem saberem qual é. A ilustração do diagrama espacial será virado para o chão a fim das crianças não verem os pontos descritos ali. Com os números em mãos, elas colocarão os números escolhidos nos pontos da sala indicados pelo diagrama. Após colocados os números, será virado o diagrama e as crianças avaliarão se colocaram os números nos pontos correspondentes ao diagrama ou se elas equivocaram-se. Esse exercício se repetirá três vezes.

5º exercício: Já familiarizados com os pontos da sala, as crianças irão fazer uma sequência de movimentos virando todo o corpo para os pontos número 1,3,5 e 7. Sequência: Com os pés paralelos e corpo voltado para o ponto 1 do espaço a criança baterá 1 palma para cada compasso da música, repetirá 4 vezes utilizando assim 4 compassos da música. Com a mão na cintura a criança flexiona o joelho no compasso 5 da música, olha para a direita no compasso 6 da música, vira seu corpo todo pulando de frente para o ponto 3 do espaço da sala no compasso 7 da música, fica parada de frente para o ponto 3 do espaço no compasso 8 da música. A criança repete as palmas e a sequência de movimentos na marcação musical, entretanto virará para o ponto 5 do espaço, depois para o ponto 7, terminando a sequência no ponto 1. A música finalizará, as crianças se prepararão para fazer a mesma sequência iniciando de frente para o ponto 1, porém virando para o ponto 7, depois ponto 5, ponto 3 e finalizando para o ponto 1.

Música: <https://www.youtube.com/watch?v=3e7rR6sKnMM>

6º exercício: As crianças farão a mesma sequência do exercício anterior utilizando a mesma música, porém cada uma iniciará para um ponto de número ímpar distinto.

7º exercício: Faremos uma sequência de Battement *tendus simple* (*devant* e *la second*) em 1ª posição de pés para as crianças começarem a trazer o conceito do diagrama para dentro da dança clássica.

Sequência:

1-2: *tendu* a frente

3-4: pausa com perna esticada à frente

5-6: fecha o *tendu*

7-8: pausa na 1ª posição

Repete 2x para cada direção e com cada perna (2x para frente com a perna direita/ 2x para frente com a perna esquerda/ 2x para o lado com a perna direita/ 2x para o lado com a perna esquerda).

Música: <https://www.youtube.com/watch?v=WQ1qg4jYNW4>

8º exercício: Utilizando as diagonais da sala faremos galopes em dupla ou trios do ponto 4 para o ponto 8 da sala e posteriormente do ponto 6 para o ponto 2 da sala.

Música: https://www.youtube.com/watch?v=vws3CKtWf_M

9º exercício: Para finalizar a aula faremos uma reverência simples. As crianças fazem um demi-bras e inclinam a cabeça à frente. Farão isso de frente para o ponto 1, local onde a professora estará, e depois de frente para a banca. Não será necessário a utilização de música nesse momento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FARACO, F. TREVISOLI, T. **Treinamento funcional para bailarinos**. Joinville: Bernadéte Costa, 2015.

VAGANOVA. A.I. **Fundamentos da dança clássica**. Tradução: Ana Silva E Silvério. 3ª ed. [s.l]:[s.n]. 2019.

WAYMEL, T. CHOQUE, J. **Alongamento e fortalecimento muscular: saúde, boa forma, preparação física: 250 exercícios, 350 fotografias**. São Paulo: Madras, 2012.